

APRENDIZAGEM, TRANSFORMAÇÃO E EMANCIPAÇÃO: O CASO DA ESCOLA ODÉ KAYODÊ

Nancy Costa de Oliveira ¹

RESUMO

O presente trabalho compõe um dos elementos avaliativos da disciplina *Educação Pública, Emancipatória ou Reprodutiva*, ministrada no Programa de Pós-Graduação em Direitos Humanos e Cidadania da Universidade de Brasília (PPGDH/UnB). Trata-se de uma pesquisa qualitativa que aborda a relevância de práticas pedagógicas alternativas, tendo como plano de fundo a cultura afro-brasileira, a partir de um contexto de reconstrução da educação em direitos humanos, tendo a pesquisa bibliográfica como estratégia de pesquisa realizada na Escola Pluricultural Odé-Kayodê, situada na cidade de Goiás/GO. Assim, ao elegermos essa escola como objeto de investigação, buscamos contribuir para as reflexões acerca da pluralidade da educação enquanto direito social e da importância de debates que promovam a compreensão do que é educar para transformar com vistas à emancipação. Dessa forma, com base no aporte teórico de Schilling (2014), Demo (2015), Freire (2011), dentre outros, compreendemos ser necessário um esforço hermenêutico coletivo que promova intercâmbio epistemológico, com preocupações de uma “escola justa”, trazida pela necessidade de reflexão diante de uma sociedade capitalista, meritocrática e injusta. Nesse sentido, a emergência de um novo modelo escolar centrado na aprendizagem e envolvendo alunos e professores traz, em escolas alternativas, sinais de possíveis iniciativas, se observadas por dentro em suas concepções práticas e sócio pedagógicas. Ademais, o espectro ideológico da “emancipação” se intensifica num movimento de transformação da pedagogia de uma concepção burguesa do ensino, basicamente instrutiva, para a aprendizagem autoral, colaborativa, organicamente fundada na autonomia freireana. Finalmente, concluímos ser mister que as escolas rompam com os ditames da política neoliberal que impõe o aprisionamento de estudantes na pedagogia instrucionista, que por sua vez defendem processos formativos restritos às salas de aulas em detrimento da aprendizagem significativa e do desenvolvimento do espírito crítico.

Palavras-chave: aprendizagem autoral, transformação, emancipação.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho compõe um dos elementos avaliativos da disciplina *Educação Pública, Emancipatória ou Reprodutiva*, ministrada no Programa de Pós-Graduação em Direitos Humanos e Cidadania da Universidade de Brasília (PPGDH/UnB) que teve como objetivo abordar a relevância de práticas pedagógicas alternativas, tendo como plano de fundo a cultura afro-brasileira, a partir de um contexto de reconstrução da educação em direitos humanos, por meio da pesquisa

¹ Técnica Administrativa em Educação na Universidade de Brasília e Mestra e Doutoranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Brasília - DF, nancy@unb.br

bibliográfica sobre a Escola Pluricultural Odé Kayodê - EPOK, situada na cidade de Goiás/GO.

Tal como informado em seu no sítio eletrônico, a Vila Esperança foi fundada em 1991 com o objetivo de trabalhar arte, cultura e educação nos meios populares. Se constituiu como um espaço onde os educadores trabalhavam alfabetização, arte, cultura e cidadania de forma lúdica com crianças de seis anos em três escolas públicas do município de Goiás. Esses encontros aconteciam quinzenalmente, caracterizados como atividades complementares, mas no ano seguinte, através da parceria com a Escola Estadual Dom Abel, essa proposta alternativa e inovadora começou a atender três turmas dessa escola, sendo reconhecida como uma atividade de extensão da rede estadual e municipal.

Atuando fortemente na educação, na cultura, na expressividade das pessoas e na valorização de seus saberes marginalizados pela sociedade, a Vila Esperança por meio de um dos seus mais importantes projetos conhecido como Projeto Ancestralidade promove o reconhecimento dos saberes ancestrais e da historicidade do indivíduo, dando-lhe a devida importância no contexto dos saberes que cada criança traz consigo e que faz parte da sua própria identidade.

Assim, em 2004, o terreno fértil e criador de sonhos do Espaço Cultural Vila Esperança possibilitou a germinação da semente da **Escola Pluricultural Odé Kayodê**, que no ano seguinte, passou a ser uma instituição autorizada e reconhecida pelo MEC, começando a funcionar de forma particular, com característica comunitária. Desde então, o enraizamento da proposta pluricultural se aprofundou, ramificada e sustentada na intuição de que a formação da identidade e da autoestima da criança antecede todas as outras aprendizagens cognitivas, emocionais e sociais.

De acordo com os registros em seu sítio eletrônico, na Vila Esperança o trabalho com a história e a cultura na perspectiva do multiculturalismo iniciou bem antes das alterações introduzidas na LDB pelas leis 10639/2003 e 11645/2008 que incluíram no currículo oficial a obrigatoriedade da “História e Cultura Afro-Brasileira e Africana” no Ensino Fundamental e Médio, e em seguida ampliou a obrigatoriedade, acrescentando a temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”, respectivamente. Essa proposta pluricultural representa mais do que uma preocupação conceitual, sendo pautada no compromisso ético-político com a história deste território e com o povo que o criou.

Assim, enquanto escola particular comunitária existente desde 2004, **Escola Pluricultural Odé Kayodê** oferece ensino regular, atendendo a Educação Infantil e os Anos Iniciais do Ensino Fundamental, conforme previsto na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB 9.394/96, sendo mantida pelo Espaço Cultural Vila Esperança, uma associação sem fins lucrativos, focada em educação, cultura e arte desenvolvidos com crianças, adolescentes, jovens e adultos da Cidade de Goiás, especialmente a partir da valorização das culturas africanas, afro-brasileiras e indígenas constitutivas do povo brasileiro.

Nesses termos, é possível vislumbrar na proposta educativa da **Escola Pluricultural Odé Kayodê** a possibilidade de educação com um olhar mais amplo e transformador, que não estabelece diferença entre alunos, raça ou religião, onde o respeito a todos os saberes indígenas e/ou africanos são reverenciados e considerados fundamentais tanto quanto os conhecimentos sistematizados. Sem desconsiderar sua importância no contexto escolar, esses são compartilhados em um espaço organizado de tal forma que as crianças e demais educadores ficam dispostos de forma circular, permitindo que todos tenham contato visual de si e do outro. No caso, os conhecimentos trazidos pelas crianças são valorizados e colocados nessa roda, onde elas são "ouvidas e respeitadas porque não se está esperando que um dia essa criança "seja alguém na vida", a criança já é alguém, com direitos, deveres, conhecimentos e opiniões próprias", de acordo com Filho (2022, p. 75).

Figura 1 - Roda de Conversa



Fonte: Escola Pluricultural Odé Kaiodê

METODOLOGIA

Para construção do caminho metodológico, optou-se pela realização de uma pesquisa qualitativa, tendo como plano de fundo a cultura afro-brasileira, a partir de um contexto de reconstrução da educação em direitos humanos, cujo objetivo foi o de contribuir para as reflexões acerca da pluralidade da educação enquanto direito social e da importância de debates que promovam a compreensão do que é educar para transformar com vistas à emancipação. Para tanto, optou-se pela realização de uma pesquisa bibliográfica como estratégia de coleta de dados junto a Escola Pluricultural Odé Kayodê, situada na cidade de Goiás/GO.

Entretanto, as informações sobre as práticas inovadoras dessa Escola que culminaram com o recebimento de inúmeros prêmios tais como o reconhecimento enquanto **Escola Transformadora** (2016), quando passou a integrar uma rede de vinte e uma escolas no Brasil, totalizando trezentas no mundo, o de **Escola Criativa** (2019) reconhecida como instituição polinizadora de projetos inovadores e práticas educativas transformadoras, outorgado pela Rede Internacional de Escolas Criativas - RIEC pela Universidade de Barcelona – Espanha, e o fato de integrar desde 2020 o programa **Escolas2030** de pesquisa-ação, que busca criar novos parâmetros para a avaliação da aprendizagem com base na prática da educação integral e transformadora, com vistas a garantir o Objetivo do Desenvolvimento Sustentável 4 (ODS 4), sobre Educação de Qualidade, despertou o desejo de conhecer fisicamente essa Escola.

Embora tenha sido realizada apenas uma breve visita, essa foi o suficiente para perceber que se tratava de um espaço de resistência e de respeito aos saberes ancestrais, que encanta e nos leva a refletir e esperar um futuro onde tudo e todo serão importantes, sobretudo onde as desigualdades dar-se-ão apenas no contexto da subjetividade diversa do ser humano, e não mais no contexto social e econômico.

REFERENCIAL TEÓRICO

Partindo do pressuposto da formação integral do sujeito onde o respeito a historicidade do sujeito bem como a valorização dos seus saberes internalizados são fundamentais tanto quanto os dos outros, decidimos abordar um modelo escolar no qual visualizamos aspectos dos diferentes atores em suas concepções práticas e sócio-pedagógicas.

Esse foco, ainda que superficialmente, remete-nos à Escola Pluricultural Odé Kayodê - EPOK, concebida a partir de ancestralidades africanas e indígenas, pelas mãos de pessoas reais como dona Maria Stella, baiana, doutora da causa negra, patronesse da escola, conforme consta em seu Projeto Político Pedagógico.

Há trinta anos, a Escola EPOK desenvolve suas atividades educacionais e demonstra priorizar as crianças como protagonistas do processo de construção do conhecimento. Para tanto, utiliza-se de uma educação decolonial, com escopo no princípio civilizatório “afro-indígena”, como centralidade de sua proposta pedagógica. Sua atuação restringe-se a Educação Infantil e ao Ensino Fundamental (1º ao 5º ano), sendo perceptível que seu espaço escolar é entendido como local de encontro de saberes, tendo na roda seu principal método de interação, de troca de conhecimento, onde todos, de forma horizontal, tem a possibilidade de romper a estrutura hierárquica convencional.

A proposta pedagógica da EPOK se sustenta teoricamente no que propõe Paulo Freire acerca de uma educação libertadora, que valoriza o conhecimento prévio dos estudantes, capacitando-os a se tornarem agentes da transformação social. Isso corrobora com processos educativos dialógicos onde alunos e professores estão engajados em uma construção conjunta do conhecimento, de modo a romper com a visão tradicional de ensino, que percebe o professor como sujeito detentor e absoluto do saber e o aluno, como um mero receptor passivo.

Cumprido destacar que o objetivo explicitado no Projeto Político Pedagógico da EPOK é o de promover a participação ativa das crianças, incentivando-as a questionar, refletir e contribuir com suas experiências e saberes para o processo de aprendizagem. O tripé “diagnóstico, fundamentação teórica e organização do trabalho pedagógico” é compreendido como uma tarefa ajustada à participação dos diversos atores que tornam a escola “lugar privilegiado de ensinar e aprender”, ao “aprender com a festa ‘um jeito’ de ensinar” (PPP, 2021, p. 35).

Assim, percebe-se que as práticas pedagógicas buscam desenvolver a emancipação nos estudantes com uma educação crítica, que leve em consideração o contexto socioeconômico, cultural e político contribuindo para a compreensão da realidade e transformá-la de forma consciente com respeito à dignidade humana.

Desta forma, prevalece na proposta, o “ensinar aprendendo” e o “aprender fazendo” de forma livre, criativa e “aparentemente caótica, com suas regras estéticas e

libertárias”, onde as crianças e educadoras/educadores estudam, vivenciam e aprofundam, por meio de projetos, durante todo o ano letivo.

Portanto, constata-se que na EPOK, a diversidade é entendida como um elemento enriquecedor, e os conteúdos curriculares são trabalhados de forma interdisciplinar, relacionando-os com a realidade dos seus/as alunos/as. Além disso, a escola estimula a participação dos estudantes em atividades práticas, projetos de pesquisa, debates e reflexões coletiva, de forma a desenvolver habilidades cognitivas, emocionais e sociais.

Assim, no fortalecimento dos princípios de uma educação libertadora que tem como base a práxis vivida pelos alunos, a Escola do “caçador que traz alegria” propõe uma aprendizagem que acontece nas frestas da norma colonial, transgredindo o modelo linear tradicional de ensino que nega e subalterniza os povos e saberes afro-indígenas. Com uma forma circular de ensino onde alunos e professores dançam juntos na composição melódica da escola, o corpo atua como suporte de saberes e lápis que colore o mundo, desenhando “outras possibilidades de invenção da vida firmadas nos tons das diversidades de saberes, das transformações radicais e da justiça cognitiva” (SIMAS; RUFINO, 2018, p. 22).

Os projetos culturais como “O Samba de roda e Jongo” e “Dançaterapia”, por exemplo, professores e alunos, enquanto cantam, dançam e gingham, traçam rotas de fuga do colonialismo e operam golpes no ar contra o “projeto político/epistemológico/educativo que tem como finalidade principal desobsediar os carregos do racismo/colonialismo através da transgressão do cânone ocidental, (SIMAS; RUFINO, 2018, p. 20)”. A “Pedagogia da Festa” defende uma educação emancipatória, que nos liberte dos grilhões de um sistema de ensino instrucionista que aprisiona nossos corpos e mentes. Pode-se afirmar que a ciência encantada presente na alma da Escola Pluricultural Odé Kayodê, acredita em um processo de aprendizagem que “deve gerar gente feliz, escrevendo, batendo tambor, dando pirueta, imitando bicho, fazendo ciência e ginguando com gana de viver” (SIMAS; RUFINO, 2018, p. 19).

Além do mais, esses autores nos ajudam a compreender que uma educação emancipatória precisa questionar sobre o apagamento dos saberes e dos corpos negros, é preciso que pensemos em uma pedagogia negra e sua potência transgressora, conforme defendido por Rufino (2019).

Logo, a ética, estética, poesia e política de ressignificação da educação da EPOK se materializam em uma prática pedagógica que valoriza os saberes vividos pelos estudantes, suas corporeidades, oralidades e ancestralidade. A escola confronta o regime dominante e sua pretensão de ser dono de uma verdade, onde a diversidade de saberes gera um ambiente vibrante, colorido, polifônico, potente e irreverente.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em um país construído historicamente pelo racismo, a existência de uma escola que aprende e ensina por meio de epistemologias negras, transgredindo a colonização do ser/saber/poder, é de uma beleza inspiradora. Odé Kayodê aponta a flecha de Oxóssi, divindade iorubana, para horizontes outros, direcionando-nos para uma sociedade que valoriza a diversidade, os múltiplos saberes, os ventos que provocam transformações e movimentos criativos. Ela é espaço de resistência.

Figura 2 – A flecha de Oxóssi



Fonte: Escola Pluricultural Odé Kaiodê

Assim, entendemos que a escola, enquanto estrutura do sistema educacional, pode e deve exercer papel fundamental na luta contra a discriminação social em todas suas faces. Contudo, deve também ser um espaço plural, que esteja sempre de portas abertas para acolher indivíduos de diversas etnias, e atue de forma a rechaçar estereótipos sobre este segmento étnico-racial e sua estética. A fim de contribuir para que tais impasses sejam superados, é imprescindível que o educador, coerente no exercício de sua reflexão sobre a práxis pedagógica, tenha o olhar atento e por meio dessa ressignificação, impeça a prática de manifestações que fortalecem o racismo de tal forma que seu “docenciar” faça a diferença.

Nesse sentido, percebemos o espaço cultural Escola Pluricultural Odé Kaiodê como um lugar onde ações de valorização da diversidade étnico-racial estão presentes, sobretudo, como instrumento de combate ao racismo a partir da representatividade da diversidade cultural e da construção e valorização da identidade negra. Ao estimularem a participação dos educandos em atividades práticas, projetos de pesquisa, debates e reflexões coletiva que fazem parte do cotidiano desses sujeitos, além de contribuírem para o desenvolvimento de habilidades cognitivas, emocionais e sociais, promovem a aprendizagem significativa, transformadora, fruto de um projeto de reconstrução da educação enquanto direito social, inserida nos direitos humanos.

Obviamente que assim como em toda escola, os conflitos existem, porém inferimos que esses não são transformados em discursos e atos de ódio, pois a EPOK promove o diálogo entre seres humanos com suas diferenças físicas, étnicas, emocionais e culturais, de modo a contribuir para o surgimento de novas formas de relação do humano consigo, com o outro e com a natureza. Assim, na certeza de que o ato de esperar uma educação transformadora e emancipatória se faz presente nessa fala, a transcrevemos:

[...] tudo que se tem em qualquer lugar apresenta aqui: situações de preconceito, situação de desrespeito [...] o que é de diferente aqui, que eu considero assim como identidade inclusive, é porque nada vai ser mais importante, não vai ter nenhum conteúdo mais importante do que quando uma situação de desrespeito ou que afetar esse nosso objetivo de existir acontecer e a gente continuar com aquilo que tá sendo... para tudo e isso se tornou o principal, porque isso é o motivo de existência, então não vai dar pra gente “tocar o carro” (Educadora e gestora Esperança).

Por fim, compreendemos que **aprender para transformar e emancipar**, tendo como base a experiência estudada, torna possível acreditar no “inédito viável”, proposto por Paulo Freire. Odé Kayodê, para além de uma proposta pedagógica é sobretudo uma proposta de vida e de libertação. Encontramos nela, elementos e resistência ao colonialismo, combinados com proposituras pedagógicas não instrucionistas. Pode-se assim, almejar que o aprendizado com esta Escola se efetive em mudanças na percepção do que conhecemos e praticamos como agentes educativos dos direitos humanos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao elegermos a Escola Pluricultural Odé Kayodê como objeto de investigação buscamos contribuir para as reflexões acerca da pluralidade da educação enquanto

direito social e da importância de debates que promovam a compreensão do que é educar para transformar com vistas à emancipação.

Para tanto, julgamos mister que as escolas rompam com os ditames da política neoliberal que impõe uma pedagogia instrucionista, ao defender processos formativos restritos às salas de aulas em detrimento da aprendizagem significativa e do desenvolvimento do espírito crítico. Além disso, compreendemos ser necessário o esforço hermenêutico coletivo que intensifique o debate em torno de uma “escola justa”, promovido por Schilling (2014), cuja necessidade de reflexão se torna real numa sociedade capitalista, meritocrática e injusta.

Ademais, a emancipação em seu espectro ideológico, faz parte de um movimento autoritarista e excludente defendido pela burguesia, com vistas a mascarar a aprendizagem autoral, colaborativa, organicamente fundada na autonomia sustentada por teóricos marxistas como Paulo Freire, que entendem e buscam a construção do aprendizado por meio do diálogo entre diferentes culturas e atores do processo educativo, reconhecendo a si e ao outro tal como perceptível na coletividade que compõe a Vila Esperança, a EPOK e a comunidade que a constitui.

Por fim concluímos que **aprender para transformar e emancipar**, tendo como base a experiência estudada, torna possível acreditar no “inédito viável”, proposto por Paulo Freire. Odé Kayodê, para além de uma proposta pedagógica é sobretudo uma proposta de vida e de libertação. Encontramos nessa Escola elementos de resistência ao colonialismo, combinados com proposituras pedagógicas não instrucionistas. Almeja-se assim, que o aprendizado com esta Escola se dissemine em mudanças na percepção do que conhecemos e praticamos como agentes educativos dos direitos humanos, sobretudo no que buscamos e defendemos enquanto práticas inspiradoras em prol de uma educação pública, plural, inclusiva e de qualidade, que possa promover a tão sonhada e desejada transformação de si próprio e do outro.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W. (1903-1969). **Educação e emancipação**. - tradução de Wolfgang Leo Maar. - Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

ALVES, Rubem. **Conversas com quem gosta de ensinar**. - 13ª ed. - São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1985 (coleção Polêmicas de nosso tempo).

BRANDÃO, Sheylane Nunes. **A educação pluricultural na Vila Esperança: caminhos, tramas e diálogos do tornar-se sujeito**. Dissertação de mestrado. Programa de Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde. - UnB, Brasília – DF, 2017.

CAMPELO FILHO, Haroldo Nélio Peres. Mitos e vivências educacionais no espaço cultural Vila Esperança/Escola Pluricultural Odé Kayodê. 2022. Disponível em <https://repositorio.bc.ufg.br/teserver/api/core/bitstreams/1bfd77ad-ef3c-4475-935d-7eeb339e0776/content>. Acessado em 10/5/2023.

DEMO, Pedro. **Aprender como autor**. São Paulo: Atlas, 2015.

ESCOLA PLURICULTURAL ODÉ KAYODÊ. **Projeto Político Pedagógico**. Espaço Cultural Vila Esperança. - Cidade de Goiás, GO, 2021.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. Editora Paz e Terra, Rio de Janeiro, 2011.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 47ª ed. Editora Paz e Terra, Rio de Janeiro, 2005.

FUNDAÇÃO ROBERTO MARINHO. **Programa Ação**, exibido no dia 14 de junho de 2021. TV Globo, Rio de Janeiro, 2021.

RUFINO, Luiz. **Pedagogia das encruzilhadas**. Mórula editorial, 2019.

SANT'ANA, Jonathas Vilas Boas de. **Cadernos, tranças, flechas e atabaques: a Escola Pluricultural Odé Kayodê sob uma ótica decolonial, complexa, transdisciplinar, intercultural e criativa**. 2018

SCHILLING, Flávia. **Educação e direitos humanos: percepções sobre a escola justa: resultados de uma pesquisa**. São Paulo: Cortez, 2014.

SILVA Carlos Manique da; RIBEIRO Cláudia Pinto. **“Dispositivos de autorregulação da aprendizagem”**: “preciso de ajuda; eu já sei”, etc. Apropriação do espaço escolar pelo projeto pedagógico: o caso da Escola da Ponte, disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/JBHqXxZ7LPbTqHfQxBRmFFK/abstract/?lang=pt>. Acessado em 10/5/2023.

SIMAS, Luiz Antonio; RUFINO, Luiz. **Fogo no mato: a ciência encantada das macumbas**. Rio de Janeiro: Mórula, 2018.